

IX ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS
DUBLIM, 21-26 DE AGOSTO DE 2018
O EVANGELHO DA FAMÍLIA: ALEGRIA PARA O MUNDO

SEXTA CATEQUESE: A CULTURA DA ESPERANÇA

“SUA MÃE GUARDAVA TODAS ESTAS COISAS NO SEU CORAÇÃO” (Lc 2,51)

*Jesus, Maria e José,
em Vós contemplamos
o esplendor do verdadeiro amor;
a Vós, com confiança, nos dirigimos.*

*Sagrada Família de Nazaré,
tornai também as nossas famílias
lugares de comunhão e cenáculos de oração,
escolas autênticas do Evangelho
e pequenas Igrejas domésticas.*

*Sagrada Família de Nazaré,
que nunca mais se faça nas famílias
experiência de violência, egoísmo e divisão:
quem ficou ferido ou escandalizado
depressa conheça consolação e cura.*

*Sagrada Família de Nazaré,
que o próximo Sínodo dos Bispos
possa despertar, em todos, a consciência
do carácter sagrado e inviolável da família,
a sua beleza no projeto de Deus.*

*Jesus, Maria e José,
escutai, atendei a nossa súplica.
Ámen.*

(Papa Francisco, Oração pelo Sínodo sobre a família, 25 de março de 2015)

Frequentemente, diante de acontecimentos humanos repentinos, inesperados e surpreendentes, sem neles percebermos qualquer sentido lógico, e do que não podemos tirar qualquer benefício, a reação do coração é a de repulsa e de rebelião para chegar, por vezes, à exasperação, fixando-nos numa fúria total. Não há ninguém na terra que possa dizer, que viva a própria vida de acordo com planos e programas desejados. Viver, torna-se assim uma eterna luta, muitas vezes feita de compromisso e equilibrismo, cerrando os dentes, para conquistar o que cada um lhe parece ser devido.

A palavra “esperar” na linguagem corrente, torna-se assim uma ambição, para atingir tudo o que o coração deseja, esperando ter sucesso. Então, é inevitável que surja esta pergunta: será possível que esperar signifique entrar nesta voragem de incerteza e, simultaneamente, de luta contínua, por um ideal, que todos os dias deve ser reafirmado e conquistado? Vale a pena viver a própria vida, gastando-se totalmente por algo, que parece ser sempre inatingível?

Diante desta lógica preponderante, que habita e domina a terra, surge a figura de Maria. Ela que, tendo vivido o mesmo e idêntico dinamismo dos acontecimentos humanos, tocando-os mesmo em profundidade, se posiciona de um modo completamente diferente ou, melhor dizendo, oposto. Se olhamos para a história da sua vida, transmitida pelos relatos evangélicos, vemos que Maria também vive o que nunca teria podido imaginar. As suas primeiras palavras que conhecemos são, exata e efetivamente, estas: *“como será possível?”*. Talvez na fé popular, se tenha excessivamente afirmado uma imagem de Maria que, de modo dócil e condescendente, acolhe automaticamente o desígnio de Deus e os acontecimentos que a vida lhe oferece. Esquecemo-nos de que ela também tem um coração humano e que, enquanto criatura, se interroga, se pergunta a si mesma sobre o significado do seu curso histórico pessoal.

Os Evangelhos nunca dizem que Maria obteve respostas claras e óbvias às suas perguntas. No entanto, há uma coisa que se repete várias vezes, patente nesta frase: *“Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração”* (Lc 2,51). Ela, face aos acontecimentos inesperados, inimagináveis e, inclusive às vezes, indesejáveis, mostra e ensina a todos a arte de conservar tudo o que acontece no próprio coração.

Que significa isto? Significa que o que se vive na vida, não deve ser descartado, pelo contrário, tudo deve ser totalmente conservado dentro de si mesmo, para que o significado de tudo se esclareça ao longo do tempo e se revele a grandeza do plano de Deus. É certamente humano não compreender plenamente as vicissitudes da vida. E é ainda mais humano ficar surpreendido. Em vez disso, é desumano rejeitar e tentar esquecer tudo o que a vida coloca diante de nós. Não queremos afirmar uma espécie de fatalismo divino, segundo o qual tudo o que é vivido, já está estabelecido e se torna compreensível para a mente limitada do homem, no decorrer do tempo. Isto significaria anular totalmente a liberdade humana.

A história de cada pessoa é, em vez disso, a mais grandiosa e extraordinária afirmação da liberdade da criatura humana. De fato, o anjo Gabriel pede a Maria a sua disponibilidade pessoal para o desígnio divino. Ela tem total liberdade de dizer *“sim”* ou *“não”*. O mesmo dinamismo acontece na história de José. Deus nunca obriga ninguém a fazer algo, nem manipula do alto os acontecimentos humanos. Se tudo, portanto, é deixado à liberdade do homem, de que modo Deus entra e interage na sua vida? O Papa Francisco convida-nos a procurar sempre luz na Palavra de Deus, que *«não se apresenta como uma sequência de teses abstratas, mas como uma companheira de viagem, mesmo para as famílias que estão em crise, ou imersas nalguma tribulação, mostrando-lhes a meta do caminho, quando Deus «enxugar todas as lágrimas dos seus olhos, e não houver mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor» (Ap 21,4)»* (AL 22).

A Palavra é essencialmente uma companheira de viagem para todos, não exclui ninguém. Não há nenhuma situação crítica conjugal e familiar, na qual a Palavra de Deus não possa mostrar a sua proximidade. Todavia, a questão fundamental é esta: que revela Deus com a luz da sua Palavra? O Papa Francisco não fala da explicação do significado dos acontecimentos humanos singulares, que somos tentados, sobretudo, a encontrar. Ele destaca apenas uma única coisa que é, ao mesmo tempo, uma certeza repetidamente afirmada em diferentes passagens da Escritura: *“a meta do caminho”*. A questão fundamental do nosso tempo é precisamente esta: o homem vive a sua vida, sabendo e olhando para o ponto de chegada da sua peregrinação no mundo?

Quando um arqueiro puxa a flecha para atingir o alvo, não lhe parece ser importante a posição para lançar a flecha, ou que percurso lhe fazer seguir para atingir o seu objetivo. Certamente, estes elementos são parte integrante da arte do tiro com o arco, mas não constituem a sua parte essencial. O que mais importa, com efeito, é precisamente atingir o alvo. Para muitos, hoje, isto não funciona assim. Estamos mais inclinados a olhar para o ponto de partida, muitas vezes degenerando em vitimizações fáceis, porque nascemos em contextos familiares não escolhidos, nem apreciados. Além

disso, tendemos mais a preocupar-nos com o que estamos a construir na vida, passo a passo, sem nunca nos perguntarmos ou interessarmos verdadeiramente onde isso nos levará. Raramente se vive olhando para o alvo da própria vida. Parece um absurdo, mas é a realidade mais concreta e mais comum. Só a Palavra divina é capaz de oferecer uma luz autorizada sobre o objetivo da vida humana. É precisamente a partir deste único ponto final, que todos os acontecimentos da vida adquirem verdadeiro gosto e sabor.

Deste modo, esperar significa algo muito maior e mais profundo: nunca se preocupar em olhar, de acordo com os cânones humanos, o modo como se processam os acontecimentos singulares, mas discernir como em cada acontecimento está sempre presente a tensão para o verdadeiro destino último do homem.

Qual é então a verdadeira escola da cultura da esperança? A família é o único lugar natural e primordial onde tudo se torna pão de cada dia, a partir da relação fundamental dos esposos.

A este respeito, o Papa Francisco dá uma sugestão muito concreta aos casais: *«há um ponto em que o amor do casal alcança a máxima libertação e se torna um espaço de sã autonomia: quando cada um descobre que o outro não é seu, mas tem um proprietário muito mais importante, o seu único Senhor. Ninguém pode pretender possuir a intimidade mais pessoal e secreta da pessoa amada, e só Ele pode ocupar o centro da sua vida»* (AL 320).

O casamento não é e nunca deve ser a felicidade final da própria existência, mas representa apenas o caminho, certamente fundamental, que conduz a essa plenitude de vida: quanta graça, quanta paz e alegria receberiam os casais se vivessem a sua relação matrimonial de acordo com esta perspetiva muito concreta. Procurar a alegria da própria vida no cônjuge é uma mentira e, ao mesmo tempo, o maior perigo para um matrimónio. A pessoa com a qual um se casa não é o tudo da vida, mas o caminho principal para chegar àquele Tudo, para o qual sempre fomos chamados.

A esperança, vivida desde esta perspetiva, também se poderá afirmar naquelas situações, nas quais esta pode parecer uma palavra inoportuna e insignificante, especialmente quando *«a vida familiar se vê desafiada pela morte de um ente querido»* (AL 253). Sobretudo, neste contexto *«não podemos deixar de oferecer a luz da fé, para acompanhar as famílias que sofrem em tais momentos. Abandonar uma família, atribulada por uma morte, seria uma falta de misericórdia, seria perder uma oportunidade pastoral, e tal atitude pode fechar-nos as portas para qualquer eventual ação evangelizadora»* (AL 253).

Que anúncio de esperança é então possível apresentar nessas situações dramáticas? Certamente que a presença física do familiar *«já não é possível; é verdade que a morte é algo de poderoso, mas “forte como a morte é o amor” (Ct 8, 6). O amor possui uma intuição que lhe permite escutar sem sons e ver no invisível. Isto não é imaginar o ente querido como era, mas poder aceitá-lo transformado, como é agora. Jesus ressuscitado, quando a sua amiga Maria Madalena quis abraçá-Lo intensamente, pediu-lhe que não lhe tocasse (cf. Jo 20, 17) para a levar a um encontro diferente»* (AL 255).

A morte não é o xequete mate, a derrota da existência humana, tal como muitas vezes é percebida pelo mundo de hoje. Se, por um lado lembra o limite do homem, por outro projeta para além do mesmo limite. Na verdade, *«se aceitarmos a morte, podemos preparar-nos para ela. O caminho é crescer no amor para com aqueles que caminham connosco, até ao dia em que “não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21, 4). Deste modo, preparar-nos-emos também para reencontrar os nossos entes queridos que morreram. Assim como Jesus entregou o filho que tinha morrido a sua mãe (cf. Lc 7, 15), de forma semelhante procederá connosco. Não gastemos energias, detendo-nos, anos e anos, no passado. Quanto melhor vivermos nesta terra, tanto maior felicidade poderemos partilhar com os nossos entes queridos no céu. Quanto mais conseguirmos*

amadurecer e crescer, tanto mais poderemos levar-lhes coisas belas para o banquete celeste» (AL 258). Não existe uma dicotomia entre a vida terrena e a vida após a morte.

É insensato pensar em desprezar a vida terrena com a convicção de ganhar a vida após a morte; como também, na tentativa de exorcizar a morte, é absurdo fazer que a vida atual seja o “tudo”, devido a uma incerteza do que acontecerá depois (esta é a tendência atual mais comum). Ambos os estilos de vida são a distorção do profundo significado da vida.

Por esta razão, é necessário proclamar energicamente que tudo o que é humano, que se vive hoje, já é santo e abençoado por Deus e nunca será desprezado; isto, no entanto, não é o tudo da nossa vida, mas é o aperitivo do banquete eterno celeste, do qual fala frequentemente a Sagrada Escritura. Isto significa, que tal aperitivo de alegria, que a vida na terra oferece, deve ser vivido de forma integral e profunda, porque será precisamente isso, que preparará adequadamente a pessoa para o que é eterno.

O olhar da Igreja deve, então, dirigir-se com ternura a todas as famílias feridas pela morte dos seus entes queridos. *«Compreendo a angústia de quem perdeu uma pessoa muito amada, um cônjuge com quem se partilhou tantas coisas. O próprio Jesus Se comoveu e chorou no velório dum amigo (cf. Jo 11, 33.35). E como não compreender o lamento de quem perdeu um filho? Com efeito, “é como se o tempo parasse: abre-se um abismo que engole o passado e também o futuro. (...) E às vezes, chega-se até a dar a culpa a Deus! Quantas pessoas – compreendo-as – se chateiam com Deus”. “A viuvez é uma experiência particularmente difícil (...). Alguns, quando têm de viver esta experiência, mostram que sabem fazer convergir as suas energias para uma dedicação ainda maior aos filhos e netos, encontrando nesta experiência de amor uma nova missão educativa. (...) Aqueles que já não podem contar com a presença de familiares a quem se dedicar e de quem receber carinho e proximidade, a comunidade cristã deve sustentá-los com particular atenção e disponibilidade, sobretudo se vivem em condições de indigência”»* (AL 254). Para todos, a Igreja é chamada a proclamar com força e convicção, que a alegria não lhes foi tirada nem roubada, porque *«somos chamados todos a manter viva a tensão, para algo mais além de nós mesmos e dos nossos limites, e cada família deve viver neste estímulo constante»* (AL 325).

Não é coincidência que o Papa Francisco conclua precisamente a *Amoris Laetitia* com estas palavras, para significar que *«a alegria do amor que se vive nas famílias»* (AL 1) (são as primeiras palavras desta mesma exortação), nos convida à promessa de uma grande alegria que nunca será eternamente tirada: *«avancemos, famílias; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida»* (AL 325).

Esta é a verdadeira esperança cristã, que a Igreja é chamada a transformar em cultura no mundo de hoje: tudo isto se experimenta, realiza e se torna presente sobretudo na família, em todas as relações fundamentais, nas quais a experiência básica do amor nos prepara para aquele eterno Amor de Cristo, o Esposo, ao qual todos nos reuniremos na comunhão dos santos.

EM FAMÍLIA

Refletamos

1. Nas nossas famílias, o significado do cumprimento dos desejos de alguém é muitas vezes atribuído à palavra “*esperança*”. Estará errado pensar assim à luz da fé cristã?
2. O lugar primordial e natural da esperança é a família. O que significa esta afirmação e o que precisa de ser feito, para que isto possa concretizar-se?

Vivamos

1. Não há família que não viva o drama da morte de um ente querido. Como podemos anunciar, concretamente, o verdadeiro e profundo sentido da esperança cristã em tais contextos familiares?
2. Como pode um pai, que perdeu prematuramente um filho, ou uma pessoa, que de repente perdeu seu cônjuge, tornar-se um portador da esperança cristã?

NA IGREJA

Refletamos

1. Quando se utiliza a palavra “*esperança*”, muitas vezes é para indicar algo incerto ou improvável de alcançar, para significar total ceticismo. Claramente, esse não é o verdadeiro sentido de esperança cristã. Porque é que existe esta diferença de significado, que predomina frequentemente nas mentes e nos corações dos cristãos? O que é que a Igreja é chamada a fazer, para anunciar a verdadeira esperança cristã?
2. Hoje, na evangelização da Igreja, raramente se fala da questão da eternidade, da vida após a morte, tornando-se quase um verdadeiro tabu. Porque é que isto acontece? O que faltou? O que deveria ser feito?

Vivamos

1. O grande problema não é apenas falar de esperança, mas viver a esperança. De que modo uma comunidade cristã, nas suas várias atividades pastorais, pode viver a esperança?
2. A presença de uma pessoa no estado de viuvez, ou de quem perdeu prematuramente um filho, poderia ser fundamental para o crescimento e a maturidade dos casais, que estão a fazer um caminho de preparação, para uma vida consagrada no sacramento do matrimónio. Como poderia tudo isto tornar-se uma pastoral habitual nas nossas comunidades cristãs?